

“OUTROS JEITOS DE USAR A BOCA”, DE RUPI KAUR: UMA LEITURA OBJETIVA E SUBJETIVA

Vanessa Rita de Jesus Cruz (UFT)

vanessalinguagens@hotmail.com

Márcio Araújo de Melo (UFT)

marciodemelo33@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma breve análise da obra “Outros jeitos de usar a boca”, de Rupi Kaur, considerando aspectos objetivos da obra, assim como as possíveis relações que o leitor pode realizar com a sua vida e com a realidade que o cerca. Pretendemos, ainda, abordar algumas questões sobre a influência da *internet* e das mídias sociais no processo de divulgação e permanência de um autor e sua obra. A obra, dividida em quatro partes – *a dor, o amor, a ruptura e a cura* – traz um conjunto de poemas que abordam temas como o amor, o abuso, a separação, as imposições de padrões estéticos, dentre outros. Tomando por base esses temas, faremos algumas pontuações sobre as possíveis reações do leitor ao ter em mãos a referida obra.

Palavras-chave:

Leitor. Leitura objetiva. Leitura subjetiva.

ABSTRACT

This work aims to carry out a brief analysis of the work “Outros jeitos de usar a boca”, by Rupi Kaur, considering objective aspects of the work, as well as the possible relationships that the reader can achieve with his life and with the reality that fence. We also intend to address some questions about the influence of the internet and social media in the process of disclosure and permanence of an author and his work. The work, divided into four parts – *pain, love, rupture and healing* – brings a set of poems that address themes such as love, abuse, separation, the imposition of aesthetic standards, among others. Based on these themes, we will make some points about the possible reactions of the reader when having that work in hand.

Keywords:

Reader. Objective reading. Subjective reading.

1. *Considerações iniciais*

Entre prosa e poemas, dentro ou fora da escola, com o impresso ou o digital, o leitor vai se encontrando, vai dando forma as suas vivências e as suas leituras, vai conectando experiências, sabores e dissabores.

“Outros jeitos de usar a boca”, fenômeno nos Estados Unidos, e uma boa recepção no Brasil e em vários outros países, mostra-nos que há

leitores que se interessam por assuntos polêmicos e veem a literatura como meio de evidenciá-los, leitores que se veem nas páginas dos livros ou que se solidarizam com quem é ali retratado.

A obra ficou por diversas semanas no topo da lista dos mais vendidos do *New York Times*. Vários canais literários do *youtube* sugerem, discutem e analisam a leitura da obra: *canal da Adriana Cecchi* (redatora de *M*%\$#*); *Cabine literária*; Raffa Fustagno; *Estante do Lacombe*, de Gustavo Lacombe; *BlabláLogia*, dentre outros. Inclusive, a obra está disponível para ser baixada em PDF gratuitamente.

A referida obra, da autora Rupi Kaur, nascida em Punjab, na Índia, filha de imigrantes indianos, mas que mudou-se ainda muito pequena com a família Sikh para o Canadá, traz uma série de poemas que abordam temas como o amor, o sexo, o abuso, a feminilidade, dentre outros. Temas que se traduzem em situações vivenciadas, cotidianamente, pelos sujeitos e, principalmente, pelas mulheres, como o machismo, o estupro e o abuso, o relacionamento entre pai e filha, a dor da separação, a perda, as imposições de padrões estéticos, a maternidade.

Kaur, segundo o *The Guardian*, em matéria de novembro de 2015, está entre a geração de poetas que vem sendo chamada de *instapoets*, por alcançarem sucesso conquistando fãs e seguidores nas redes sociais. Mesmo depois de todo o sucesso alcançado, Kaur continua utilizando a internet para divulgar o seu trabalho. Como ela mesma afirma: “Meu livro nunca teria sido publicado sem a mídia social” (*The Guardian*, 2017). E Lajolo já nos disse: “O computador afeta profundamente o mundo literário” (LAJOLO, 2001, p. 116). Em 2014, com 21 anos, Kaur publicou por conta própria a obra que escreveu e ilustrou e que já foi traduzida para vários idiomas.

Trata-se de um livro dividido em quatro partes – a dor, o amor, a ruptura e a cura – permeadas de ilustrações – também de Kaur – que representam palavras, expressões ou sentidos evidenciados pelos poemas. O livro foi publicado originalmente em 2014, com as partes separadas, e republicado em 2015, com a junção de todas as partes. No Brasil, foi lançado em 2017, pela Editora Planeta do Brasil. Nesse ano, já havia sido vendidas mais de um milhão de cópias do livro em vários países.

Os versos curtos, de linguagem simples e direta – marca da escrita da poeta – no conteúdo e na forma, além de facilitar a compreensão da obra, permitem uma leitura rápida. Todas as palavras do livro, desde a capa, a contracapa, e os vários poemas que compõem a obra são escritas

com letras minúsculas. Todos os poemas entoam um forte apelo ao empoderamento feminino, à empatia e à sororidade, abordando temas que, poderíamos dizer, são universais.

O título original “Milkand honey” aparentemente não apresenta nenhuma semelhança com o nome dado à versão em português, “Outros jeitos de usar a boca”. Mas durante a leitura da obra, é possível que o leitor vá estabelecendo essa relação se pensarmos na tradução do referido título em inglês, *Leite e mel*. Na primeira página, por exemplo, aparece referência ao título da obra em sua versão original: “*leite e mel pingaram/dos meus lábios quando respondi*” (KAUR, 2017, p. 11 –grifo nosso); a mulher retratada na segunda parte da obra se entrega ao amor e “cheira a mel” (KAUR, 2017, p. 66).

O título que a obra ganhou em português abre espaço para diferentes sentidos: “*você fala demais/ ele sussurra no meu ouvido/ conheço jeitos melhores de usar essa boca*” (KAUR, 2017, p. 68); há poema que sugere o sexo oral e também faz alusão ao título na versão em português: “quero que suas mãos/ segurem/ não minhas mãos/ que seus lábios/ beijem/ não meus lábios/ mas outros lugares” (KAUR, 2017, p. 73); “e quando sua boca estiver beijando não minha boca/mas outros lugares” (KAUR, 2017, p. 77). Poderíamos acrescentar que a boca serve como ferramenta para alertar, denunciar, gritar as diversas situações as quais as mulheres são submetidas.

Em uma breve pesquisa pela *internet*, podemos perceber que a faixa etária dos leitores que se interessaram por essa obra é bem diversificada. Vimos, também, que tanto homens quanto mulheres fizeram a leitura da obra. Vários desses leitores se identificam com os relatos e com os sentidos ali expressos. Sabemos que há uma grande chance desse leitor, não “reparar” apenas objetivamente o que há ali, mas também se vê nas linhas traçadas, fazer comparações com a história de um amigo ou de um vizinho.

Vários elementos nesse livro merecem a atenção do leitor: o fato, como já dissemos, de ser todo escrito em letras minúsculas (fugindo de um padrão de regras estilísticas, gramaticais e de ortografia); a linguagem simples e corriqueira; a utilização de termos e imagens que “ferem” o ouvido daqueles de linhagem “pura e que prezam pela decência”; a falta de padronização em relação à disposição das estrofes e dos versos (estrofes e páginas contendo apenas dois versos, enquanto outros poemas ocupam a página inteira; em uma mesma página, estrofes com poucos-

simos versos se alternando com outras contendo vários versos). Nesses poemas de Kaur, a falta de pontuação exige do leitor atenção e habilidade para identificar as falas do locutor e do interlocutor, veja um poema a título de exemplo.

o terapeuta coloca
a boneca na sua frente
ela é do tamanho das meninas
que seus tios gostam de apalpar

mostre onde ele colocou as mãos

você mostra o lugar
entre as pernas aquele
que ele arrancou com os dedos
igual a uma confissão

como você está se sentindo

you desfaz o nó
da garganta
com os dentes
e diz *bem*
um pouco dormente

– *sessões nos dias de semana* (KAUR, 2017, p. 15) (grifos da autora)

A utilização de apenas letras minúsculas e o uso restrito de sinais de pontuação, forma que a autora adotou para homenagear a escrita punjab, foi uma das dificuldades que Ana Guadalupe, tradutora da obra, encontrou para traduzir os poemas, na tentativa de respeitar os elementos de linguagem usados por Kaur. Sobre o assunto, disse: “No punjab não há distinção entre letras e há apenas pontos finais. É um mundo dentro de um mundo, exatamente como eu sou, sendo mulher e imigrante. É menos sobre quebrar as regras do inglês e mais sobre usar minha própria história no meu trabalho”, escreve Kaur (Revista Cult, 2017).

Nenhum poema, em toda a obra, apresenta título. Cada página representa um poema independente, mas há uma sequência de conteúdo e de sentido entre eles, se aproximando bem de uma narrativa, de uma história, se vistos em sua totalidade. Até mesmo a ordem em que as partes da obra se dividem colabora para a construção de unidade entre os poemas.

É nítido que em todos os poemas o eu-lírico trata-se de uma voz feminina: “que eu me sentisse qualquer coisa/menos que *inteira* (...) eu de fato me senti tão *vazia*” (KAUR, 2017, p. 12 – grifo nosso).

Além desses elementos que envolvem estrutura e organização, temos também os sentidos estabelecidos pelo texto, a possível relação com os elementos extratextuais e a provável identificação do leitor com a obra, em sua totalidade ou em alguma de suas partes.

Essas questões enumeradas por nós podem ser percebidas ou não pelo leitor e representam graus de importância variáveis, podendo o trabalho de mediação realizado pela escola, especialmente na figura do professor, fornecer ferramentas para que o leitor, dentro ou fora da escola, consiga ler a obra de forma mais ativa e autônoma, não se prendendo apenas a relacionar a obra com as suas próprias vivências, mas também a compreender as questões que a obra traz.

Como o leitor, dentro ou fora da escola, se apropriaria dessa obra? Levitaria em conta apenas a temática a partir de uma visão subjetiva ou seria capaz de olhar para ela objetivamente? Fabíola Farias, no prefácio da obra *Ao revés do avesso* (2015), de Luiz Percival, diz que para o autor, o leitor é marcado pela subjetividade, mas

[...] não descolado de suas condições objetivas, que, mais que ler, compreenda o que significa participar da cultura escrita. Dito de outra maneira, o leitor postulado por Luiz Percival é o sujeito que, com base no conhecimento e nas narrativas construídos e registrados pela letra ao longo do tempo e do espaço, conheça e compreenda a história e o seu próprio tempo, com suas disputas e conflitos e, especialmente, que se rebelde contra a naturalização das desigualdades sociais. (FARIAS, 2015, p. 7-8)

Talvez, a leitura literária não salve o mundo, cheio de horrores, dissabores, dores e desigualdades, mas por meio dela, podemos encontrar histórias que nos auxiliem a melhor compreender e mudar a nossa história e a história. O ato de ler, então, não se justifica como forma de mascarar os horrores dessa vida, quando o leitor mergulhado em um mundo de ficção se refugia nas páginas de um livro. Portanto, não bastam números. Não basta uma grande produção. Não basta o aumento constante de editoras e livrarias.

Vivemos em uma sociedade marcada pelo consumismo, pela correria em busca de sucesso profissional e pessoal, pela reificação das pessoas. Fala-se tanto em respeito à diversidade, no respeito ao outro – tome-se esse outro como a mulher, o negro, o homoafetivo, o pobre. Na verdade, o que se deseja é uma padronização de comportamentos e ações e aqueles que não se encaixam nos padrões considerados corretos são descartados, criticados e deixados à margem.

2. *A dor, o amor, a ruptura e a cura: uma narrativa de vida*

Após falarmos de aspectos gerais da obra, nos deteremos em comentar um pouco sobre cada parte nas quais o livro se divide. O primeiro poema é constituído de três estrofes, cada uma com dois versos, que, embora represente um diálogo, mais próximo do discurso indireto, não apresenta nenhum sinal de pontuação, utilizando-se apenas a fonte em itálico para demarcar a fala do possível interlocutor, em oposição à do locutor:

*como é tão fácil pra você
ser gentil com as pessoas* ele perguntou

leite e mel pingaram
dos meus lábios quando respondi

*porque as pessoas não foram
gentis comigo* (KAUR, 2017, p. 11) (grifos da autora)

Em outro poema, há um padrão diferente de marcar o diálogo. As falas são diferenciadas pela estrutura em que aparecem os versos – versos mais alinhados à esquerda representam a voz do interlocutor do eu-lírico e os versos alinhados à direita representam as falas do eu-lírico:

você é igualzinha à sua mãe
acho mesmo que a ternura dela me cai bem
vocês duas têm os mesmos olhos
porque nós duas estamos exaustas
e as mãos
temos os mesmos dedos secos
mas essa raiva sua mãe não veste esse ódio
tem razão
essa raiva é a única coisa
que vem do meu pai
(tributo a *herança*, de warsanshire) (KAUR, 2017, p. 34)

Na obra, encontramos, também, vários poemas que para alguns se aproximariam de uma linguagem vulgar: “ele tinha cheiro/de fome nos lábios/algo que aprendeu com/o pai comendo a mãe às 4h da manhã” (KAUR, 2017, p. 12, grifo nosso) representam a situação de muitas mulheres.

Em um dos poemas, o eu-lírico conta que sofreu abuso aos cinco anos de idade, quando um menino a segura com força e a beija:

o primeiro menino que me beijou
segurou meus ombros com força
como se fossem o guidão da

primeira bicicleta
em que ele subiu
eu tinha cinco anos

ele tinha cheiro
de fome nos lábios
algo que aprendeu com
o pai comendo a mãe às 4h da manhã

ele foi o primeiro menino
a ensinar que meu corpo foi
feito para dar aos que quisessem
que eu me sentisse qualquer coisa
menos que inteira

e meu deus
eu de fato me senti tão vazia
quanto a mãe dele às 4h25 (KAUR, 2017, p. 12)

Quantas crianças, meninos e meninas, principalmente, não tiveram a sua infância violentada, não tiveram seus corpos e mentes respeitados. Em toda a obra, é retratada situações em que os homens se sentem donos do corpo feminino e exercem sobre ele uma relação de domínio, subjugando-o, invadindo o espaço/corpo da mulher sem a sua permissão, utilizando um discurso machista que permeia a sociedade, além, em muitos casos, de utilizar, inclusive, a força física para dominar o corpo e a mente da mulher.

você
cresceu ouvindo
que suas pernas são
um pit stop para homens que
procuram um lugar para repousar
um corpo vazio desocupado o bastante
para receber hóspedes mas
nenhum nunca chega
disposto a ficar (KAUR, 2017, p. 13)

A temática do abuso é descrita com membros da família (primos, tios). Homens que manipulam os corpos e a mente. Há uma relação de empatia e de solidariedade entre o eu-lírico a todas as mulheres que vivenciaram ou vivenciam relações de abuso, estupro, domínio sobre os seus corpos e sobre as suas ideias: “nossos joelhos/ arreganhados/ por primos/ e tios/ e homens/ nossos corpos manipulados/ pelas pessoas erradas/que mesmo numa cama segura/sentimos medo” (KAUR, 2017, p. 36). O abuso acaba “dando” às crianças e adolescentes diversas sessões no terapeuta, que muitas vezes lhe dão uma boneca “do tamanho das

meninas que seus tios gostam de apalpar” (KAUR, 2017, p. 15) para que apontem em que local o agressor pôs as mãos.

Em várias partes da obra, a autora aborda a questão de se fazer sexo sem o consentimento do parceiro; ato que se constitui como um estupro, por qualquer que seja o motivo. É um direito da mulher “proteger seu coração e seu corpo” (KAUR, 2017, p. 24).

A nossa sociedade, patriarcal e machista, tende a disseminar e perpetuar discursos que colocam o homem como ser superior à mulher, discursos que justifiquem o domínio sob seus corpos, vontades e opiniões. Como sabemos, por muito tempo, a mulher foi vista como instrumento de reprodução, como a responsável por manter a casa e as roupas do marido limpas, zeladora da educação dos filhos e para satisfazer os desejos sexuais do marido. Discursos enraizados por meio de uma cultura machista e até mesmo religiosa enaltecem a submissão da mulher ao homem. Culturas e gerações em que as mulheres são silenciadas e dominadas pelos homens.

A sociedade das polarizações e da liquidez vai construindo a superioridade de uns e a decadência de outros. Homem/mulher, branco/negro, heterossexual/homossexual, alto/baixo, magro/gordo, cristão/ateu, dentre tantas outras, são polarizações que nos mostram um polo tido sempre como positivo e um polo como negativo. O polo negativo deve obedecer, se calar, deixar passar, abrir espaço. Que reine o polo positivo! *Só que não!* Eis que surgem vozes que gritam, joelhos que não se dobram, mãos que desamarram, vidas que importam!

Na primeira parte da obra, ao menos dois temas são abordados. Há a alternância do tema do estupro/abuso com o relacionamento de uma filha com o pai, da dificuldade que este tem de conversar e demonstrar gestos de afeto: “uma filha não/deveria ter que implorar ao pai/por um relacionamento” (KAUR, 2017, p. 28).

Em alguns poemas, percebemos que o eu-lírico é o sujeito do acontecimento descrito, como em “deixar a barriga da minha mãe vazia/ foi meu primeiro ato de desaparecimento/ aprender a encolher para uma família/ que gosta de ver as filhas invisíveis/ foi o segundo (...)” (KAUR, 2017, p. 33), em outros, fala com o interlocutor: “sua mãe/ tem essa mania/ de dar mais amor/ do que você pode carregar/– seu pai está ausente/ – você é uma guerra/ a fronteira entre dois países/ o dano colateral/ o paradoxo que os une/ mas também os separa” (KAUR, 2017, p. 32). Temos poemas em que parece que o eu-lírico conversa com a interlocu-

tora: “não se dê ao trabalho de agarrar/ aquilo que não te quer/ - *ocê não pode obrigar ninguém a ficar*” (KAUR, 2017, p. 149), ora o eu-lírico enuncia em primeira pessoa: “talvez/ eu não mereça/ coisas boas/ porque estou pagando/ pecados dos quais não/ me lembro” (KAUR, 2017, p. 147).

Na segunda parte do livro, *o amor*, este personifica-se na imagem da mulher grávida – a grandeza da mãe, que não pede nada em troca: “tenho tanta dificuldade/ de entender/ como alguém/ pode derramar sua alma/ sangue e energia/ em alguém/ sem pedir/ nada em/ troca/ – *tenho que esperar até ser mãe*” (KAUR, 2017, p. 46); e a espera e o desejo da mulher pela “primeira vez”: “só de pensar em você/ minhas pernas abrem espacate/ como um cavalete com uma tela/ implorando por arte” (KAUR, 2017, p. 57) e “eu estou pronta para você/ eu sempre/ estive/ pronta para você/ – *a primeira vez*”(KAUR, 2017, p. 58).

Nessa segunda parte, há uma série de poemas que demonstram a idealização e a construção de um “futuro amante”: “*o que eu sou pra você* ele pergunta/ eu coloco as mãos em seu peito/ e sussurro *você/ é toda esperança/ que eu já tive/ na forma humana*” (KAUR, 2017, p. 49); “você é a linha tênuel/ entre ter fé e/ esperar às cegas/ –*carta ao meu futuro amante*” (KAUR, 2017, p. 52);“ele tocou/ meu pensamento/ antes de chegar/ à minha cintura/ meu quadril/ ou minha boca/ ele não disse que eu era/ bonita de primeira/ ele disse que eu era/ extraordinária/ - *como ele me toca*” (KAUR, 2017, p. 54).

A mulher representada na segunda parte deseja ser plena, independentemente do parceiro: “não quero ter você/ para preencher minhas partes vazias/ quero ser plena sozinha/ quero ser tão completa/ que poderia iluminar a cidade/ e só aí/ quero ter você/ porque nós dois juntos/ botamos fogo em tudo” (KAUR, 2017, p. 59); é uma mulher que se entrega ao amor; “cheira a mel” (KAUR, 2017, p. 66).

As duas últimas páginas dessa parte são as únicas que não são de “amor”; funcionam como um pré-anúncio do que será abordado na parte seguinte – a ruptura. Esses dois poemas são os mais extensos do livro, possuindo cinco estrofes cada. As estrofes da penúltima página narram as discussões de um relacionamento por questões simples como “... quem deveria se levantar/ primeiro e apagar a luz...” (KAUR, 2017, p. 76), ou quando o parceiro pronuncia dormindo o nome de outra mulher ou quando diz que sairá mais tarde do trabalho e na realidade a mulher descobre que ele já saiu há muito tempo. E em uma DR, a mulher começa a cho-

rar, fica nervosa, mas acaba acreditando nas desculpas do parceiro que “fazem todo o sentido do/ mundo...” (KAUR, 2017, p. 76) e porque o ama, pede “... desculpa por pensar que estava/ mentindo” (KAUR, 2017, p.76). Durante a discussão, a mulher grita, acorda os vizinhos que vão até a porta. Todos os versos dessa página retratam a discussão do casal e os seus motivos. Em contrapartida, a página seguinte traz versos que mostram “– *como fazemos as pazes*” (KAUR, 2017, p. 77).

em vez disso. me engana que eu gosto. me abre como mapa. e
com o dedo vá rastreando os lugares que ainda quer *****
em mim. beije como se eu fosse o centro de gravidade e você
caísse em mim como se minha alma fosse o ponto focal da
sua. e quando sua boca estiver beijando não minha boca
mas outros lugares. minhas pernas se abrirão por hábito. e
é aí que. te puxo pra dentro. te trago de volta. pra casa (KAUR, 2017, p.
77)

Nessa última página da parte *o amor*, o ato sexual – ou as pazes – dos parceiros é relacionado com a linguagem, em que o livro é utilizado como metáfora do corpo:

como se sua boca tivesse o dom da leitura e eu fosse
seu livro favorito. ache a página favorita no ponto macio
entre minhas pernas e leia devagar. fluente. com vontade.
não ouse deixar nem uma palavra intocada. e eu juro
que o final vai ser tão bom. as palavras finais vêm vindo.
deslizando pra sua boca. e quando você terminar. sente-se.
porque é minha vez de fazer música com os joelhos
no chão (KAUR, 2017, p. 77)

A terceira parte da obra, *a ruptura*, é a mais extensa. O tema central dessa parte é o rompimento com o parceiro, a separação. Nessa parte da obra, notamos poemas em que às vezes *o você* é um provável interlocutor que passa pela mesma situação descrita, provavelmente uma mulher: “ele só sussurra *eu te amo/* quando desliza a mão/ para abrir o botão/ da sua calça/ é aí que você tem/ que entender a diferença/ entre querer e precisar/ você pode querer esse menino/ mas você com toda a certeza/ não precisa dele” (KAUR, 2017, p. 86); e, às vezes, *o você* é o interlocutor, homem parceiro: “você tinha uma beleza tentadora/ mas quando cheguei perto me feriu” (KAUR, 2017, p. 87).

O ato sexual também está presente nessa terceira parte, assim como na primeira e na segunda. Vale ressaltar que em todas as partes, o ato sexual é tratado com conotações diferentes. Na primeira parte, tem relação com o abuso e o estupro; na segunda, é tratado como a espera da mulher pela “primeira vez” e como forma do casal fazer “as pazes”.

Aqui, o sexo é colocado como forma da mulher que “virá depois” conquistando o homem que *pertencia a outra*. Em nossa opinião, essa parte traz dois poemas que desentoadaram de todos os outros, não se harmonizaram com a ideia de sororidade e empatia defendida em todo o livro. Veja:

a mulher que vem depois de mim vai ser uma versão
pirata de quem eu sou. ela vai tentar escrever poemas
pra te fazer apagar aqueles que deixei decorados nos
seus lábios mas os versos dela nunca serão um soco
no estômago como os meus. então ela vai tentar
fazer amor com o seu corpo.mas ela nunca vai
lamber, tocar ou chupar como eu. ela vai ser uma
reserva triste da mulher que você deixou escapar. nada
que ela fizer vai te excitar e isso vai destruí-la. quando
estiver cansada de se contorcer por um homem que não
dá nada em troca ela vai me reconhecer nas suas
pálpebras que a encaram com dó e tudo vai fazer sentido.
como ela pode amar um homem que está ocupado amando
alguém em quem ele nunca mais vai colocar as mãos (KAUR, 2017, p.
88)

Assim como

até quando tira a roupa dela
você está procurando por mim
me desculpe por eu
ter um gosto tão bom
quando vocês dois
fazem amor ainda
é o meu nome
que escorrega da sua
línguas em querer (KAUR, 2017, p. 105)

Os poemas da terceira parte retratam, também, a dificuldade que a mulher tem de romper o relacionamento e superar a solidão: “da próxima vez que/ pedir um café preto/ você vai sentir o jeito/ amargo com que ele te deixou/ isso vai te fazer chorar/ mas você nunca vai/ trocar de bebida/ você prefere ter as partes/ mais sombrias dele/ a não ter nada”(KAUR, 2017, p. 89); “você sussurra/ *eu te amo*/ o que significa é/ *não quero que me abandone*” (KAUR, 2017, p. 92); “você passou noites o suficiente/ com a masculinidade dele entre as pernas/ para esquecer como é se sentir sozinha” (KAUR, 2017, p. 91).

Algo a se notar, também, nessa terceira parte da obra é que há poemas em que o parceiro rompe o relacionamento:

você disse. se é pra ser. o destino vai nos unir
de novo. por um segundo me pergunto se você é mesmo
tão ingênuo. se acredita de verdade que o destino funciona

assim. como se ele vivesse no céu e nos observasse. como se tivesse cinco dedos passasse o dedo movendo a gente como peças de xadrez. como se não fossem as escolhas que fazemos. quem foi que te ensinou isso. me diz. quem foi que te convenceu. de que você ganhou um coração e uma cabeça que não pertencem a você. que suas ações não definem o que vai acontecer com você. quero gritar e berrar que *somos nós seu idiota. somos as únicas pessoas que podem nos unir novamente.* mas em vez disso eu sento quieta. sorrindo de leve pensando entre lábios trêmulos. *é ou não é uma coisa trágica.* quando você vê tudo tão claro mas a outra pessoa não vê nada (KAUR, 2017, p. 84) (grifos da autora).

Por outro lado, há poemas nos quais é a mulher quem deixa o parceiro: “eu não fui embora porque/ eu deixei de te amar/ eu fui embora porque quanto mais/ eu ficava menos/ eu me amava” (KAUR, 2017, p. 95); “eu tive que ir embora/ eu estava cansada/ de deixar que você/ me fizesse me sentir/ qualquer coisa/ menos que inteira” (KAUR, 2017, p. 107). Às vezes, ama tanto o outro, que se deixa de amar a si mesmo.

Na quarta e última parte, *a cura*, também teremos poemas em que ora o centro da narração é o próprio eu-lírico ora é a sua interlocutora. Essa parte da obra traz uma série de poemas que evidenciam conselhos à interlocutora. Neles, a mulher é colocada como o centro de toda a cura que precisa; pontua-se a necessidade dela ser suficiente, primeiramente, para si mesma, assim como a necessidade de sua evolução, que não precisa do outro – veja-se esse outro como o parceiro em um relacionamento amoroso – para se completar:

você precisa começar um relacionamento
consigo mesma
antes de mais ninguém (KAUR, 2017, p. 150)

aceite que você merece mais
do que amor doloroso
a vida nos move
a decisão mais justa
com o seu coração
é se mover junto” (KAUR, 2017, p. 151)

não procure cura
aos pés daqueles
que te machucaram (KAUR, 2017, p. 155).

se você não é o suficiente para você mesma
você nunca será o suficiente
para outra pessoa (KAUR, 2017, p.197).

you precisa
ter vontade de passar
o resto da vida
antes de tudo
com você (KAUR, 2017, p. 198).

faz parte da
experiência humana sentir dor
não tenha medo
abra-se

– *evoluindo* (KAUR, 2017, p. 152).

a solidão é um sinal de que você está precisando desesperadamente de si
mesma (KAUR, 2017, p. 153) (Um único verso).

you tem o hábito
de depender
dos outros para
compensar aquilo que
you acha que não tem

quem te fez
cair na história
de que outra pessoa
deveria te completar
se o máximo que alguém pode fazer é complementar (KAUR, 2017, p.
154).

Nessa quarta parte são comuns, também, versos que sugerem uma espécie de irmandade entre as mulheres, irmandade essa que pressupõe que uma não é melhor que a outra; ou que enaltece o fato de se ser mulher, o poder que têm; ou que essas mulheres não podem se ver como rivais:

you me diz
que não sou como as outras
e aprende a me beijar de olhos fechados
tem alguma coisa na frase – alguma coisa
em precisar ser diferente das mulheres
que chamo de irmãs para ser amada
que me faz querer cuspir sua língua de volta
como se eu fosse sentir orgulho por ter sido escolhida
como se eu ficasse aliviada porque you pensa
que sou melhor do que elas (KAUR, 2017, p. 164)

todas nós seguimos em frente quando
percebemos como são fortes
e admiráveis as mulheres

à nossa volta (KAUR, 2017, p.191).

o corpo das outras mulheres
não é nosso campo de batalha (KAUR, 2017, p.175).

A autonomia que a mulher deve ter para decidir sobre o seu corpo é outro ponto bem forte na obra. Não se deve permitir que o homem decida sobre os pelos de sua perna. Remover ou retirá-los é uma decisão que só cabe a ela. Se crescem em nosso corpo é porque podem estar ali:

da próxima vez que ele
comentar que os
pelos das suas pernas
cresceram de novo lembre
esse garoto que o seu corpo
não é a casa dele
ele é um hóspede
avise que ele
nunca deve passar por cima
das boas-vindas
de novo (KAUR, 2017, p. 165).

remover todos os pelos
do seu corpo é ok
se é isso que você quer
assim como manter todos os pelos
do seu corpo é ok
se é isso que você quer

– *você só pertence a você* (KAUR, 2017, p. 176).

pelo
se não era pra estar aqui
não cresceria
em nosso corpo pra começo de conversa

– *estamos em guerra com o que há de mais natural em nós* (KAUR, 2017, p. 193).

Vivemos em uma sociedade que estabelece padrões de beleza baseados em cor e características físicas. Isso acaba produzindo e reproduzindo a exclusão.

meu problema com o que consideram bonito
é que o conceito de beleza
se baseia na exclusão
acho pelo bonito
quando uma mulher usa o pelo
como um jardim na pele

essa é a definição de beleza
um nariz grande e adunco
apontando para o céu
como se dissesse
a que veio
pele da cor da terra
das plantações dos meus antepassados
que alimentavam uma linhagem de mulheres
com coxas grossas como os troncos das árvores
olhos de amêndoa
encobertos por convicção profunda
os rios de punjab
correm no meu sangue por isso
não venha me dizer que minhas mulheres
não são tão bonitas
quanto as mulheres
do seu país (KAUR, 2017, p.170)

nossas costas
contam histórias
que a lombada
de nenhum livro
pode carregar

– *mulheres de cor* (KAUR, 2017, p.171)

Então, caro leitor, aqui chegamos ao final das quatro partes da obra. Tentamos passar a vocês um relato dos principais temas abordados na obra de Kaur, “*uma mulher de sikhi*” (KAUR, 2017, p. 184), nome que dá a ela liberdade e é a sua identidade.

Conforme matéria publicada em The Guardian, em agosto de 2016, “a jovem poetisa punjabi-sikh fez carreira forçando-se a lugares onde menos se esperava – como o *Instagram* e a lista de *bestsellers* do New York Times (...)”.

Pensar que um *best-seller* do New York Times e da Amazon e que quebrou vários recordes, ocupando um espaço que durante muito tempo fora dominado por homens brancos, tenha sido escrito por uma mulher em um momento em que, nas palavras dela, “não havia mercado para poesia sobre trauma, abuso, perda, amor e cura pelas lentes de uma mulher imigrante Punjabi-Sikh” (THE GUARDIAN, 2016), mereceu a nossa atenção.

A poesia – e a arte, de modo geral –, diante dos horrores e assombros que temos vivenciado e vivido, tem se constituído como forma de encontrarmos um pouco de sentido para a nossa realidade.

3. *Considerações finais*

Façamos algumas amarras. Como já dissemos, pelas temáticas que evidencia, é bem provável que muitos dos leitores dessa obra se envolvam subjetivamente com ela, se vejam ali descritos ou reconheçam nos fatos ali evidenciados alguém do seu convívio. Achamos importante uma leitura que se volte para as sensações e impressões pessoais do leitor, o que não significa que esse mesmo leitor não tenha condições ou não precise vê-la, também, de forma objetiva.

Há muito com o que se identificar nessa obra: a experiência da maternidade; quantos filhos não têm um bom relacionamento com o seu pai; quantas pessoas já não passaram pela dor de ser abusada sexualmente; a ansiedade de muitas jovens pela espera “do homem de sua vida” ou pela espera da “primeira vez”; quantos corações já não se despedaçaram pela dor da separação ou pelo medo da solidão; mulheres que se sentem rejeitadas por não atenderem a estereótipos de beleza; a triste realidade de muitos imigrantes... O sentir-se abraçada e acolhida pela voz que falou por meio de poemas simples, os conselhos e o estímulo a se ter amor próprio, a se valorizar, a superar o fim de um relacionamento; uma voz que compreendeu suas recaídas e deu-lhe ânimo para seguir em frente, encorajou-lhe a ser o centro de sua cura. Depois da dura realidade, vieram as palavras de mel. Muitas leitoras se viram nas palavras de Kaur. Ela deu voz a muitas delas.

Mas há mais coisa a ser compreendida nessa obra. Não nos referimos apenas às questões estruturais, como mencionamos no início desse texto – a utilização de todas as palavras com letras minúsculas e o uso restrito dos sinais de pontuação, como forma de lembrar a sua origem, indo na contramão de determinados padrões estéticos e gramaticais; a forma diferente de marcar a fala, dentre outros –, mas também a uma série de fatores sociais e históricos que permitem que seja necessário, ainda, que temas como os aqui retratados ainda tenham que ganhar espaço.

Acreditamos que a formação de leitores, iniciada ou aperfeiçoada na escola, pode oferecer condições aos alunos para que não sejam meros consumidores de livros e de leitura.

[...] a leitura (e seu ensino), enquanto forma de ser e estar na história, de indagá-la e de querer fazê-la, deve ser compreendida como posicionamento político diante do mundo. E a ignorância do caráter político do ato de ler (como acontece em tantas bem-intencionadas ações de promoção de leitura e de estudo sobre o que é ler) não anula seu componente político,

porque este é constitutivo do processo, mas conduz à mitificação da leitura e ao pragmatismo pedagógico.

Somente reconhecendo a historicidade do conhecimento e da leitura é que avançaremos uma política de formação que, afastando-se do pragmático produtivista e da fantasia liberal, assuma uma perspectiva crítica e libertária. E quanto maior for a consciência que tivermos deste processo, mais comprometida e participante será nossa intervenção político-pedagógica na formação de leitores. (BRITTO, 2015, p. 72-3)

Os caminhos e os motivos que levam um leitor a abrir um livro podem ser diversos, por solicitação do professor, por sugestão de um amigo ou de alguém na mídia social, mas o que ele fará com o que leu, dentro ou fora da escola, dependerá em muito em como o seu professor o ensinou a ler, as discussões e o conhecimento que ele e seus colegas, juntamente com o professor, construíram.

Se, por um lado “o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (COMPAGNON, 2009, p. 48-9); por outro, ele também me permite entender os processos históricos que constroem o conhecimento e os discursos e, a partir daí, ter condições de ser voz, minha e dos outros. Se, por um lado, a literatura torna o leitor capaz de melhor aproveitar ou suportar a vida (COMPAGNON, 2009, p. 48); por outro, ela pode ajudá-lo a mudar de vida.

A escolha por “Outros jeitos de usar a boca”: espaço para uma obra não canônica; a influência da *internet* e das mídias sociais no processo de formação de leitores e, principalmente, independentemente do meio pelo qual a obra chega ao leitor, a relevância de se olhar para as obras considerando a subjetividade do leitor, mas ao mesmo tempo sem perder de vista os aspectos objetivos imbricados na obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Ao revés do avesso – Leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*. Trad. de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

Outras fontes:

Fenômeno de vendas, Rupi Kaur faz do trauma a matéria prima de sua poesia. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/rupi-kaur-faz-do-trauma-a-materia-prima-para-sua-poesia/>. Acesso em 21/10/20.

How do I love thee? Let me Instagram it. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/nov/23/instapoets-instagram-twitter-poetry-lang-leav-rupi-kaur-tyler-knott-gregson>. Acesso em 21/10/2020.

Rupi Kaur: There was no market for poetry about trauma, abuse and healing. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/aug/26/rupi-kaur-poetry-canada-instagram-banned-photo>. Acesso em 21/10/2020.

The Young 'Instapoet' Rupi Kaur: from social media star to bestselling writer. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/may/27/rupi-kaur-i-dont-fit-age-race-class-of-bestselling-poet-milk-and-honey>. Acesso em 21/10/2020.

'Now it's the coolest thing': rise of Rupi Kaur helps boost poetry sales. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/oct/07/now-its-the-coolest-thing-rise-of-rupi-kaur-helps-boost-poetry-sales>. Acesso em 21/10/20.

7 razões para ler Outros jeitos de usar a boca. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/7-razoes-para-ler-outras-formas-de-usar-a-boca/>. Acesso em 21/10/2020.